

Governo avisa que crescimento continuará lento mas prevê queda gradual da inflação

Boletim do Ministério da Fazenda projeta trajetória declinante das taxas de juros

• **BRASÍLIA.** Nenhum sobressalto à vista: o crescimento continuará lento, gradual e seguro, afirmou ontem o secretário de Política Econômica, José Roberto Mendonça de Barros, ao divulgar o boletim de julho da Fazenda sobre a conjuntura econômica. A continuidade de uma política monetária flexível nos próximos meses — como vem ocorrendo desde o segundo semestre de 1995, com a gradual redução de juros e alguns compulsórios — vai garantir os estímulos à recuperação gradual da atividade, segundo as análises feitas no boletim. Quanto à inflação, a previsão é de queda gradual: o INPC ficará entre 1% e 1,4% este mês, passando a 0,7%/1,2% em agosto e a 0,6%/1,1% em setembro.

Em alguns setores, atividade ainda está em queda

A política monetária flexível adotada pelo Governo é destacada como uma das principais razões da lenta retomada da atividade, que ainda apresenta grandes disparidades setoriais: o setor de bens duráveis cresceu 3,7% e o de não-duráveis e semiduráveis, 5%, enquanto o de bens intermediários teve queda de 3%, e o de bens de capital, de 26%.

— É bom que a recuperação seja lenta, porque é mais seguro — disse o secretário. — Estamos reaprendendo a conceder crédito, e é preciso cautela.

Entre as restrições de política

monetária que ainda podem ser desmontadas estão os altos percentuais de compulsórios sobre depósitos à vista e a prazo, assim como a taxa Selic (títulos públicos), que gradativamente está sendo baixada pelo Governo, indicando trajetória declinante dos juros. Já a proibição de consórcios para compra de eletroeletrônicos e eletrodomésticos deve ser mantida pelo menos a curto prazo, segundo técnicos da Fazenda, pois o setor já vem enfren-

tando uma demanda aquecida.

Ao ser perguntado sobre o equilíbrio entre demanda e oferta, Mendonça de Barros disse apenas que a demanda está ajustada a um nível de capacidade que ainda não é plena.

O boletim ressalta a redução do nível de inadimplência. Segundo a Centralização de Serviços Bancários (Serasa), o número de cheques devolvidos, em relação ao total de cheque emitidos, caiu de 0,44% em maio para 0,34% em

junho, abaixo do 0,52% registrado no mesmo mês de 1995, quando o aperto monetário era maior.

Mendonça de Barros disse que as flexibilizações adotadas em 95 e no primeiro semestre deste ano não tiveram tanto impacto sobre as falências requeridas e decretadas, porque a medida tem sido usada pelos credores como instrumento de pressão. Segundo ele, os indicadores refletem a situação de empresas que estavam em dificuldades no ano passado. A queda da inadimplência, somada à redução dos juros públicos, disse Mendonça de Barros, tem importante papel benéfico sobre as taxas dos empréstimos bancários, que ainda são elevadas.

Mendonça de Barros: capital especulativo já está saindo

Outro dado positivo ressaltado foi a mudança do perfil do capital externo que entra no país, com forte tendência para ampliação de investimentos de longo prazo em substituição ao capital especulativo, que vem à procura de bons rendimentos a curto prazo.

Mendonça de Barros descartou a possibilidade de queda de investimentos externos por conta da alta volatilidade das bolsas internacionais, alerta que foi feito ontem pelo ex-diretor do Banco Central Francisco Gros. Segundo o secretário, isso não afeta os investimentos diretos, e o capital especulativo já está saindo, devido à queda dos juros. ■

O DESEMPENHO DA ECONOMIA

• **PRODUÇÃO:** As indústrias de bens duráveis e também de semiduráveis e não-duráveis apresentaram recuperação de janeiro a maio deste ano (estes são os últimos dados disponíveis): respectivamente de 3,7% e 5%. O setor de bens intermediários, entretanto, teve queda de 3%.

• **INADIMPLÊNCIA:** O percentual de cheques devolvidos por falta de fundos reduziu-se, de acordo com levantamento da Serasa, de 0,44% do total dos cheques emitidos em maio para 0,34% em junho. Este resultado também representa queda em relação a junho do ano passado, quando a taxa ficara em 0,52%.

• **RENDIMENTOS:** Na comparação entre os meses de abril de 96 e de 95, constata-se que cresceu 32,5% a massa nominal (sem o desconto da inflação) do rendimento médio da população ocupada nas seis capitais pesquisadas pelo IBGE (Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife e Salvador).

• **INVESTIMENTOS:** No primeiro semestre deste ano, entraram no Brasil US\$ 4,5 bilhões em investimentos estrangeiros diretos. Esse valor representa um crescimento de 225,8% sobre o resultado do mesmo período do ano passado.